

JUVENTUDE EM REVOLTA: PAULO EMILIO SALLES GOMES ESCREVE DA PRISÃO*¹

Maria Helena Vicente WERNECK[∨]

RESUMO

O texto analisa cartas escritas entre dezembro de 1935 e fevereiro de 1937 pelo então jovem Paulo Emílio Salles Gomes, antes de se tornar o professor e o intelectual brasileiro reconhecido, dos presídios Paraíso e Maria Zélia, na capital paulistana, que abrigaram presos políticos da repressão do governo Vargas no contexto da Revolta Comunista de 1935. Parte da correspondência do autor, depositada no Arquivo que leva seu nome na Cinemateca Brasileira, as cartas enviadas da prisão passavam pela censura institucional e eram destinadas à mãe, a outros familiares e ao amigo Decio de Almeida Prado. Procura-se descrever, através da leitura de algumas cartas selecionadas, uma poética de escrita controlada, que se estrutura na prática de montagem de coisas e tempos diversos. Combinando pedidos impositivos de refeições e de livros, registram-se sensações de imediaticidade e de pensamento prospectivo. Também se narram as experiências de ação coletiva no presente estendido da prisão, como o Teatro Maria Zélia, para o qual o jovem escreve e encena Destinos, ao lado do esforço de formação de inteligência tanto para novos exercícios de estudo, como o que realizará sobre o cineasta francês Jean Vigo, quanto para a prática da crítica e da política, no futuro.

Palavras-chave: Paulo Emilio Salles Gomes. Correspondência. Escrita controlada. Montagens temporais. Teatro. Política

* Artigo recebido em 30/03/2021 e aprovado em 02/06/2021.

¹ Consultar perfil de Paulo Emílio Salles Gomes: **PAULO Emílio Salles Gomes**. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7873/paulo-emilio-salles-gomes>>. Acesso em: 10/05/2021. Verbetes da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

[∨] Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora titular aposentada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: malewerneck@uol.com.br

(...) E o que aconteceu torna-se uma espécie de farol, de incandescência, de marca indelével, de referência incontornável - já não é possível fingir que nada aconteceu, que se pode passar por cima disso, que se pode voltar para a mesma subserviência ou apatia ou passividade de antes.

(PELBART, 2015, p. 10-11)

Em um dia de março de 2017, o público da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MIT-SP) ainda aplaudia o grupo chileno que acabara de apresentar, no Teatro Mário de Andrade, o espetáculo **Mateluma**,² quando o espaço foi ocupado por um grupo de estudantes do movimento paulista de 2015 que se denominou Primavera Secundarista, ampliado nacionalmente em 2016. Em ação performática, concebida especialmente durante o festival, os jovens passaram a circular pelos corredores da plateia e por entre as fileiras de assentos da sala de espetáculos, gritando palavras de ordem e cantando raps. O público, em comoção, passou a repetir as palavras de ordem e a aplaudir intensamente os estudantes.³ Os atores chilenos, no proscênio, a tudo assistiam como se diante de todos se instalasse um inusitado momento entre tempos. Era como se a reflexão sobre a história política no Chile – em que cabem perguntas a respeito do que fazer no presente com a memória da repressão, ou de como reconstituir a formação e ação de jovens guerrilheiros, e de como reparar as injustiças praticadas pelo regime contra os opositores de Pinochet, temas desenvolvidos pela trilogia de Guillermo Calderon (**Vila, Discurso; Escola e Mateluma**), adquirisse ali, naquela ação dos secundaristas, um eco, uma continuidade quebrada, um renovado capítulo, agora na história política brasileira.

² O espetáculo *Mateluma* remete ao espetáculo *Escola*, trabalho anterior do grupo, que encenava a preparação de um grupo de jovens para atuar em ações de guerrilha. Durante o processo de criação, os atores tiveram a ajuda de Jorge Manteluma. No novo trabalho, os atores reproduzem a cena de *Escola* em que se ensina a construir uma bomba e rememoram o contato com o guerrilheiro que, foi condenado a 19 anos de prisão por um assalto a banco em 2013 depois de ter sido, anteriormente, condenado em outra ação do mesmo tipo para financiamento de ação guerrilheira. Mas a dramaturgia não se restringe à memória daqueles tempos e do encontro com os atores. Incomodados com as circunstâncias da prisão e com o amadorismo inexplicável de Jorge, os atores partem para uma investigação detalhada do dia do assalto e do processo que o condenou, elementos que são trazidos à cena de trabalho que se alinha ao campo do teatro documentário (Martins, 2017, p. 108-112).

³ Parte do grupo, com a direção de Martha Perrone, retomou a proposta de ação formulada durante a MIT-SP 2017 e, já nomeando-se ColetivA Ocupação, criou o a performance *Quando Quebra Queima*, apresentada na rede Sesc de SP e em festivais no Brasil e em países europeus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=USmeOVHlfg>. Acesso em 4/4/2021.

A experiência desse encontro de diferentes práticas do teatro político atravessou o processo de pesquisa que eu desenvolvia no acervo do Arquivo Paulo Emílio Salles Gomes, sob a guarda da Cinemateca Brasileira, no bairro de Vila Clementino, em São Paulo,⁴ uma das vertentes da investigação sobre o Grupo XIX de Teatro. Da série Correspondência, interessavam-me, especialmente, as cartas enviadas, entre dezembro de 1935 e fevereiro de 1937 pelo jovem Paulo Emílio à mãe, irmãos, primos e ao amigo Décio de Almeida Prado, durante o período em que esteve detido em dois presídios da capital, o Paraíso e o Maria Zélia.

A prisão do militante político precoce (CALIL, 2007, p. 98) deu-se no contexto da **Revolta Comunista** de 1935,⁵ um ano após Paulo Emílio ter sido convidado a integrar a **Juventude Comunista**, que tinha seu contraponto na Juventude Integralista. O acionamento da repressão foi decorrência da decretação de estado de sítio em todo o território nacional, aprovado pelo Congresso em 25 de novembro de 1935, uma resposta direta ao Levante Comunista. Foram feitas, no contexto do estado de exceção, milhares de prisões em todo o país, incluindo não somente comunistas ou simpatizantes. Segundo Dulles, “até mesmo parentes de vizinhos dos comunistas, assim como membros dirigentes da Aliança Nacional Libertadora, que nada sabiam do levante”, foram presos. Em consequência dessas prisões em massa, as instituições prisionais existentes ficaram repletas com os detidos pela polícia de Vargas. Em São Paulo, “a prisão do Paraíso bem como as prisões de outros bairros da cidade, tal como a da Rua Barão de Jaraguá, que foi incendiada

⁴ A pesquisa mencionada integrou o projeto desenvolvido em Estágio Pós-Doutoral, realizado na ECA/USP, em 2017, com Bolsa PDS do CNPq. O processo de seleção e transcrição das cartas visava oferecer ao Grupo XIX de Teatro, cuja sede localiza-se na Vila centenária, material para experimentos de dramaturgia a serem desenvolvidos por núcleo de pesquisa “A palavra e o abismo”, do diretor Luiz Fernando Marques Lubi com jovens em processo que teve como ponto de partida o texto teatral Destinos, escrito e encenado por Paulo Emílio no Presídio Maria Zélia. Era a 3ª. vez que o diretor se aproximava do texto teatral de Paulo Emílio. Em 2004, já acontecera uma oficina com atores de outras companhias para dialogar com o tempo e o espaço da vila. Em retomada da pesquisa, em 2009, o texto foi encenado integralmente. No processo que resultou em apresentação na Mostra dos Núcleos de Pesquisa, várias duplas de jovens atores apresentavam um dos primeiros diálogos entre os irmãos em diferentes espaços da Vila e, ao final, se reuniam no espaço da Escola das Meninas para uma cena coletiva com forte elemento improvisacional. Sobre o Grupo escrevi o texto “Temporalidades Complexas na cena do Grupo XIX de Teatro” (CORNAGO et alii, 2018, p. 168-185).

⁵ Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/RevoltaComunista>. Acesso em: 15/03/2002.

pelos detentos em episódio conhecido como a Bastilha de Cambuci,⁶ não foram suficientes para acomodar o número de presos. Visando ampliar os espaços de detenção, em fins de 1935, a antiga fábrica de tecidos de Jorge Street, foi convertida em prisão adicional” (Ibidem, p. 426).

No momento da prisão, o jovem de dezessete anos preparava-se para uma candidatura à Universidade de São Paulo, além de se dedicar a publicar a Revista Movimento. Décio de Almeida Prado, que dividia com o amigo as aulas particulares de Filosofia, a cargo de Pe. Arnaldo, pároco da Igreja Santa Cecília, narra com algum humor o episódio da prisão, nele percebendo a ingenuidade juvenil do amigo:

Uma tarde, que não era de lição, apareceram em lugar do padre dois investigadores de polícia, corpulentos, e bem educados. Queriam que o Paulo desse um pulo até a delegacia para prestar declarações. Coisa de uma hora ou duas. Em nossa perfeita inocência política, que continha teoria de mais e prática de menos, não supusemos que pudesse ser mentira o que estava sendo dito por pessoas tão atenciosas. Paulo tomou banho, vestiu-se com esmero – ele alternava dias de descaso com dias de grande requinte vestimentar – e partiu sem nem mesmo a clássica malinha de mão, com um pijama e uma escova de dentes. Só retornaria à liberdade quatorze meses depois, na quarta-feira de cinzas de 1937. Assim mesmo graças a uma fuga rocambolesca, através de um túnel que o conduziu, e mais alguns companheiros de aventura, até um terreno contíguo ao do velho casarão, quase abandonado, que lhe servia de prisão – o presídio político do Paraíso, assim intitulado, com involuntária ironia, por situar-se na rua do Paraíso, logo adiante da Avenida Paulista (PRADO, 2007, p. 141)

No arquivo com seu nome na Cinemateca Brasileira há 138 cartas escritas por Paulo Emílio na prisão. Estão datadas de dezembro de 1935 a fevereiro de 1937 e foram remetidas de dois presídios políticos, o do Paraíso no centro da cidade, a que se refere Prado, e do Maria Zélia, no Bairro de Belém, zona leste de São Paulo. Esse presídio, um imenso galpão de cimento, fora projetado para abrigar uma fábrica de juta a ser utilizada na fabricação de sacos para embalagem de café. Era parte do complexo idealizado por Jorge Street, empresário da indústria têxtil, que incluía ainda, a Vila Operária Maria Zélia, cuja construção foi finalizada em 1917⁷. Em cartas manuscritas, em sua maioria destinadas à mãe e ao amigo Décio, algumas breves, que ele mesmo denomina bilhetes, além de outras mais longas

⁶ Disponível em:

<http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?c=bancodedados&idlugar=74&mn=59>. Acesso em 06/03/2018.

⁷ Consultar: <https://saopauloantiga.com.br/vilamariazelia/>. Acesso em 31/03/2021.

consta sempre o carimbo PRESIDIO POLÍTICO, a informar que passaram pelo crivo da segurança da instituição. Paulo Emílio explica assim, as cartas “tão bestas”:

PE/CA 0466

Paraiso Maior 4 - janeiro- 1936

Querido Decio

Aqui continuo, agora, melhorando. Fui transferido para outro prédio do presídio. Logo nos mandarão para outro presídio no Belenzinho mais amplo e mais cômodo. Apareça por lá uma quinta-feira qualquer com mamãe. Leve o Miguel também...

Dê a mamãe uma boa lista de livros do Machado e Aluizio. Logo que nos mudarmos parece que será permitida a entrada de livros. Mande-me também os troços de estudo. Escreva-me dando notícias dos amigos. A censura do Presídio não permite divagações. Só cousas concretas. Por isso é que minhas cartas são tão bestas.

Seu amigo

Paulo Emilio

P.S. O primo do Miguel mandou lembranças a ele

Carimbo PRESIDIO POLITICO - CENSURADO

No conjunto das cartas escritas na prisão predomina uma poética própria decorrente de certo enfrentamento da escrita sob censura, que se baseia em procedimento de montagem, construído entre as duas ordens de pedidos reiterados: de alimentos e de livros. A montagem torna-se um recurso discursivo dos mais interessantes na correspondência, na medida que as demandas de boas refeições e leituras se tornam, no decorrer dos meses, não só mais exigentes quanto mais imersivas no tempo, que se arrasta e, contraditoriamente, se acelera. Se a montagem praticada na escrita de Paulo Emílio quebra, como um antídoto, a hipótese de “uma correspondência patusca”, tal qual, segundo o autor das cartas, a irmã mantém com parentes do interior, tampouco deixa-lhe margem para praticar a escrita “por mocidade e pilhéria” (PE/CA 0073, Carta à prima Guida, 10/1936). Como só se admite, em função da Censura do Presídio, escrever bilhetes e não “correspondência cerrada”, como aquela que mantivera com os “amigos íntimos Décio e Coaracy quando estavam fora”, as variações de montagens vão se intensificando.

Ao apresentar *punctuns* ou detalhes que pungem sobre a vida entre grades, constrói-se uma coleção de formas breves dialogais, a implicar ação e escrita no

presente, obrigando a temporalidade a se desdobrar em dois regimes díspares: um de urgência, de abreviamento da espera; outro de duração que contribui para a sensação segundo a qual a vida parece se dilatar⁸. Sem grandes confissões reveladoras, sem força aforística evidente, os escritos deixam passar, de modo lacunar, a expectativa do dia a dia prisional, a prática criativa e intelectualmente produtiva no cotidiano controlado. Além disso, projetam formas curiosas de anacronismos, baseados no contraste entre o imediatismo presencial solidário que se aloja na urgência da alimentação e o obstinado processo da autoformação intelectual que visa o futuro em liberdade, sem perder de vista que há um tempo a não perder, aquele que é movido pela premência de compartilhar conhecimentos e saberes.

PEC/CA 0005

São Paulo (Paraíso) 28/1/1936

Querida mamãe

O frango esteve esplêndido. Serviu para a janta e a ceia de ontem e almoço de hoje.

Mamãe - procure mais uma vez a Economia política de Carlos Gide. Se não achar, compre outra. Estou disposto a estudar para fazer o exame de Sociologia. Provavelmente sairei com tempo para isso. Peça a Economia Política a Aquiles Archêro, que ele tem e traga-ma. Escrevi ao Decio pedindo tudo que preciso. Se comunique com ele.

Vou indo bem, entusiasmado com a ginástica diária que está me deixando ágil e com os estudos. Hoje estudei a manhã toda no jardim em voz alta com grande espanto dos grilos.

Escolha você mesmo as cousas gostosas para a próxima quinta-feira. Eu lembro um bom fornecimento de tomates.

Mando junto a carta do Paulo.

Um abraço afetuoso a você e Papai mando

Eu

[na margem]:

Arranje-me uma lamparina bem forte e mande-me logo. Mande-me "Rouge et Noir" de Stendhal. Está na estante do meio na primeira prateleira, provavelmente atrás de algum monte de livros.

⁸ Conceito proposto por Roland Barthes em **A câmara clara** (1989): *punctum*, o detalhe que punge numa fotografia e que permite uma forma atomizada de o biográfico se apresentar, muito distante, portanto, do esforço narrativo linear que uma biografia impõe.

[Carimbo PRESÍDIO POLÍTICO]

Num primeiro momento, Paulo Emílio estuda porque ainda pretende prestar exames para cursar a USP, tal como estava planejado. Anima-se com a transferência para outro presídio e vai fixando a dupla demanda de sobrevivência: o consolo para o estômago e o compromisso com a leitura:

PE/CA 008

Presídio 10 fevereiro 1936

Aquelas coisas que você me mandou ontem, querida mamãe, foram um consolo para meu estômago.

Você não pode imaginar o horror que tomei a esta comida do presídio. Estou que não posso. Acho que a culpa é minha e não da comida que todos acham boa. Vou combinar com você, quinta-feira, a vinda do almoço 3 vezes por semana juntamente com jantar etc. Traga quinta um vidro de molho de tomate, outro de pickles.

Acho que no fim de semana vamos todos de mudança para a enfermaria anexa ao Presídio do Belém.

Tenho lido com cuidado os livros de Sociologia e Economia que tenho comigo.

Os cajus não estavam tão bons como da outra vez. Gostei imensamente dos biscoitos. Peço nova e grande remessa. Veja se consegue saber quando é o exame.

Abraços a todos.

Dou-lhe um beijo

Eu

P.S. Traga minha roupa de casimira clara por ocasião dos exames.

Sem obter licença para deixar o presídio e prestar presencialmente as provas para o acesso à universidade, o autor das cartas parece se defrontar, então, com sua nova condição:

PE/CA 0018

Data apenas no carimbo PRESÍDIO POLÍTICO 28/02/1936

[letra grande, grafada em cor forte]

Mamãe

Devido a não sei o que, não pude ir ao exame. Na hora em que me apresentei, então fui informado de que não havia chegado ordem nenhuma nesse sentido da Delegacia de Ordem Política e Social. Para mim isso foi alguma safadeza.

Fiquei tão revoltado que tive um verdadeiro ataque de nervos. Isso

É bom para eu me cure de minha proverbial ingenuidade.

Adeus

Paulo Emilio

Quando há alguma esperança no fim do Estado de Sítio e, portanto, de liberdade em breve, refaz-se o ânimo para novo pedido de leituras como revistas de vários matizes políticos, como **Boletim de Ariel**, **Inteligência**, **Seiva** e **Summula**, procurando perceber suas chances em futuras provas:

PE/CA - 0021

Presídio - 2 março - 936

Querida Mamãe

Depois do dia em que você esteve aqui tenho pensado muito nos meus estudos, devido aqueles meus exames perdidos.

Já tive prova de que o Egas Botelho se desinteressou propositalmente pelo meu requerimento e o dia que o Renato deu aquela telefonada, ele, depois de dizer que tinha mandado o requerimento ao Leite de Barros, é que realmente mandou. Ainda pretendo examinar tudo isso confrontando datas. Não sei o porque dessa atitude atoinha de Egas, mas em todo caso imagino.

Creio que essa nova série de exames dos quais o Almeida Prado falou, é aquela dos candidatos à bolsa de estudo. Esse exame como talvez você não saiba é muito mais rigoroso do que os outros. E si no outro eu tinha alguma probabilidade de passar nesse agora eu não tenho. Em História da Civilização eu estou absolutamente cru. Dos livros que vieram e que eu li, são insuficientíssimos. Coisas que o programa pede com detalhes nem esses livros em meia página e por alto como, por exemplo a parte das colonizações. Além disso, nada sei, por falta de livros de estatística o mesmo acontecendo com moral em que como você sabe eu sou nulo. Os livros sobre os quais eu via falar nos exames, também não podem entrar num Presídio Político onde reina mais a estupidez [riscado] burrice do que a maldade. O Programa de Lógica necessita grandes decorações. Eu tentei fazer isso mas fiquei alarmado com a minha memória que está medonha (o Francisco diria sorrindo que sabe o que é isso...) Ainda bem que o fenômeno é geral. (...) Um rapaz processado pela lei de segurança esqueceu do nome de seu advogado e de todas as testemunhas que precisa chamar. Um senhor muito simpático está inconsolável porque se esqueceu do nome da cidadezinha em que nasceu. E além de todas as fraquezas relativas às matérias em que não sou forte, além disso, no que se refere à Sociologia e Economia Política que julgo saber um pouco, vejo-me na impossibilidade de receber determinados livros, para mim indispensáveis pois como você bem sabe eu não sigo as doutrinas e idéias normalmente tidas como sensatas e sérias.

Devido a essas cousas e "outras" resolvi definitivamente não fazer esse exame. Falei com o Almeida Prado sobre o Curso Pré-Filosófico do Colégio Universitário. O Décio me disse que ia ser fundado esse curso esse ano.

Além do curso, possivelmente seguirei, si der tempo, o Curso da Faculdade de Ciências Econômicas.

Leia com atenção isso tudo, mostre a Papai e quinta-feira conversamos sobre isso. Por ora, vamos tratar de minha hospitalização. Estou à espera da junta médica de que ainda não tive notícias.

Beijos do

Paulo Emilio

P.S. Mande-me dois baralhos. Amanhã pode vir peixe.

PE [uma rubrica]

[sem CARIMBO]

Transferido para a enfermaria anexa ao Presídio de Belém, o Maria Zélia, em junho de 1936, estabelece-se não só uma nova rotina de estudos, como também Paulo Emílio se abre para o convívio com os companheiros de variadas origens de classe e de diferentes matizes políticos. Com eles compartilha a alimentação fornecida pela família.

PE/CA 0046

Querida Mamãe

Felizmente acabou esse negócio de não entrar comida. (...) Apesar de tudo que o Decio diz, a comida daí de casa não é má.

Ontem era muito pouca. É preciso carregar na quantidade. Lembre-se que 2-3 pessoas almoçam comigo. Manda molho inglês e manteiga fresca. Manda laranjas um pouquinho mais doce. E a maçã assada? Manda aquele queijo comprido de pescoço amarrado. Mande bombons. Mande mexericas daquelas grandes e vermelhas. E os Livros? E o dicionário português-francês e o de inglês? Mande amanhã sem falta. Consiga a gramática inglesa de Fitzgerald. Procure e compre livro de Alberto Torres. Procure entre meus livros dois sobre os Estados Unidos. São encadernados e velhos. Eu os comprei no sebo no Rio de Janeiro. Ambos são em 2 volumes ou um deles é em três, não sei mais. Procure em toda a parte no meu quarto, inclusive em cima do guarda-roupa. Mande também da minha biblioteca o "América" do Monteiro Lobato e "Introdução à Psico-Análise de Freud. É um livrão grande, brochura. Mande também um livro sobre Alberto Torres que deve estar no meu criado-mudo. Manda também o livro "Facundo

Quiroga" (um daqueles que você me trouxe da Argentina". Mas mecha-se, Mamãe. Aquela lista antiga para comprar, mas com urgência. Quero uns altos estudos. E um aparelho de remo. Ponha-se num taxi com ele (.... 5ª. Feira não há visita. Só na outra. Avise aos interessados (Guida, Décio, Miguel, (...), Nise etc)

Temos novamente banho de sol. Minha vida perfeitamente regularizada. Vou muito bem. Às vezes quase feliz.

Hoje é dia do Papai vir. Avise-o.

Um grande abraço do seu filho

Paulo Emilio

P.S. Mande mais dois cadernos daqueles.

Enquanto o projeto de estudos é um compromisso geracional, porque é preciso estar à altura de Mário e Oswald de Andrade para sucedê-los, como enuncia em entrevista para o **Correio Paulistano** em junho de 1936, alguns novos compromissos vão sendo construídos no convívio diário com outros presos durante períodos de rotinas instáveis, em consequência da suspensão de visitas e de ordens que impedem a entrada de almoços. Através das refeições repartidas e aulas preparadas para alguns detentos, Paulo Emílio aproxima-se da comunidade formada por gentes tão diferentes, mas que compartilham novos modo de existência:

PE/CA 0042

Querida Mamãe
(...)

Que mancada a macarronada de ontem heim? Foi um custo repartir a comida que veio por 6 pessoas, Mande a gramática francesa e aquele livro de leituras. Os primeiros anos. Vou ensinar Frances a uns rapazes daqui.

Adeus Beijos

[data ilegível]

[folha de bloco pequena sem linha]

O convívio na comunidade de presos políticos faz avançar a ideia mais ousada de "organizar aqui um teatro", que em breve seria chamado Teatro Popular Maria Zélia.

Para começar, Paulo Emílio decide incluir, entre os pedidos de livros enviados à mãe, formas dramatúrgicas muito diferentes, como **Deus lhe pague**, de Joracy Camargo⁹, e **O Homem e o cavalo**, de Oswald de Andrade.

(..) Organizamos aqui um teatro. Hoje passamos o dia inteiro às voltas com a construção do palco e pintura dos cenários.

Para essa segunda eu contribuí com o desenho de alguns cactos que foi muito apreciado...

Pretendemos adaptar a peça do Oswald e do Joracy e levá-las aqui.

(...)

A minha barraca está magnífica. Temos luz elétrica própria, duas mesas e uma formidável poltrona feita com caixão de gasolina.

O teatro será inaugurado amanhã com um programa variado de que eu participo com minha famosa voz de barítono. (PE/CA 0052, Carta à mãe, 12.06.1936)

Em duas semanas, já há novos planos sendo colocados em prática, que o missivista relata à irmã:

PE/CA 0054
Presídio Maria Zélia 30 junho 1936

(...)

Eu queria contar para você o sucesso espantoso da primeira peça representada aqui no nosso Teatro Popular Maria Zélia. Conto no próximo dia de visita. Domingo próximo irá a cena uma minha peça na qual eu também trabalho. Chama-se Destinos. Faço o papel de um estudante de S. Paulo, filho de papai rico, fazendeiro na Mooca. Sou um sujeito viciado que vivo em cabarets e na companhia de gente degenerada. Torno-me viciado em cocaína e acabo me suicidando. O suicídio é antecedido por tremendo ataque de nervos que atinge as raias da loucura. Já temos ensaiado. Creio que dou para o papel. Veremos.

⁹ É possível que o texto de Joracy Camargo tenha tido a preferência no repertório do Teatro Maria Zélia. *Deus lhe pague*, como outros do autor, segue uma estrutura dramática enxuta com dois personagens principais antagonistas, que rende bons efeitos do ponto de vista da comunicabilidade teatral. A peça ensaiada por Paulo Emílio pertence a um conjunto de textos vitoriosos do teatro brasileiro entre os anos 1930 e 1950, a que denominei *filão do nobre vagabundo* (WERNECK, 2012, p. 417-436).

A movimentação em torno da encenação de *Destinos* é intensa, mas percebe-se que Paulo Emílio vai mantendo as demais tarefas que tomou para si. Na carta enviada para a mãe em 30 de julho, são muitas as ordens e os planos:

PE/CA0055

Presídio Político "Maria Zélia"

São Paulo, 30 de julho de 1936

(...)

Esta semana tenho cousas para fazer pra burro. Minha peça *Destinos* vai ser levada Domingo próximo. Eu sou ator. Além disso vou essa semana fazer uma conferência sobre literatura moderna Brasileira. Isso tudo, além das ocupações normais.

O fornecimento de laranjas de hoje foi sensato.

Agora uma coisa que requer urgência. Vá ao escritório do Cisneiros (5 ½ da tarde), peça um número do meu "Movimento" e mande-o o mais rapidamente possível, sem esperar a sexta-feira. Se ele não tiver dê um jeito qualquer de arranjar um com o Abílio, com Decio, com o Abrahão, com D. Vera, com o diabo, mas arranje. Preciso para minha conferência. A pessoa que você pedir pode dizer que arranjo outro depois, que eu arranjo mesmo. Aí em casa creio que não tem nenhum. Em todo caso dê uma espiada. Não se esqueça.

Escreva-me. A todos daí de casa muitas saudades. A você um beijo do

Paulo Emílio.

No texto de autoria de Paulo Emílio encenado no Presídio Maria Zélia, dois irmãos, filhos de um rico fazendeiro, tomam posições antagônicas em relação às escolhas de vida: um deles, estudante, se alia aos operários, enquanto o outro não deseja abandonar a vida boêmia, inclusive as experiências com drogas, que o arrastam ao suicídio. A dramaturgia acompanha a elaboração de preparativos para a deflagração de uma greve e coloca no horizonte a instalação do primeiro congresso

brasileiros de jovens operários e estudantes. Paralelamente explicita a tensão gerada pelo endividamento do irmão boêmio, pressionado até o último minuto pelo agiota que lhe bate à porta. Décio de Almeida Prado, em texto que acompanha a publicação de **Destinos**, juntamente com **Cemitérios**, a novela inacabada, deixada em manuscrito, procura dar um desconto no esquematismo da peça, “proveniente da necessidade de separar com extrema nitidez os dois campos de luta, os amigos e os inimigos, os companheiros e os adversários – ou seja, em última análise, o Bem e o Mal” (GOMES, 2017, p. 143). Apesar da diferença de qualidade teatral, traça uma proximidade com **O rei da vela**, de Oswald de Andrade, de 1933, embora lembre que as diferenças entre a qualidade de uma e outra depende da “técnica de um jovem imaturo e a de um escritor em plena posse de seus recursos” (Ibidem, p. 143). Se em ambos os textos, segundo Prado, a visão da decadência da burguesia é construída por uma perspectiva moral, a diferença entre ambos estaria na percepção do papel do intelectual na tarefa de mediar as relações entre burguesia e proletariado. Diferentemente de Oswald de Andrade que projeta um intelectual ambíguo e cheio de contradições, Paulo Emílio constrói na figura de Carlos, o intelectual que se põe irremediavelmente ao lado dos oprimidos e lidera reivindicações, apesar de sua origem advinda da elite rural.

Não há notícias sobre a apresentação de *Destinos* na correspondência censurada, mas no manuscrito *Cemitério*, o narrador retoma o acontecido:

Em 1936 foi levada no Teatro Popular Maria Zélia a peça *Destinos*, escrita e representada pelo Paulo e pelo Reginaldo e mais um barbudo que era o traficante de cocaína. A história de dois irmãos, um mau, outro bom, o primeiro acaba pobre e o segundo cantando “camponês operário soldado marinheiro nós somos irmãos”. Mundo em que camponês operário soldado marinheiro se entendam não carece de irmão mau ou bom nem de sobra que é muita, foi assim que entenderam. O Teatro Popular Maria Zélia foi instalado no espaço grande no meio do corredor interno do Presídio de vastas janelas de fábrica, engradadas. Foi de fora para dentro que durante quarenta minutos ou mais, ninguém pensou em cronometrar, lançaram centenas, ninguém podia contar uma a uma, de bombas de gás lacrimogêneas. Os mil ou mais camponês operário soldado marinheiro advogado bancário médico estudante funcionário comerciante dentista prático e diplomado farmacêutico príncipe mago nudista vegetariano, os esquisitos de Guararem tinham sido recolhidos também. Havia quase tudo, só não havia mulher, e ninguém mais sorvia o ar da grade donde só vinha bomba e se contentavam com o gás, neblina paulista que descia, sufocava e cegava com choro que não era choro. Na hora em que quem não estava derrubado na cama ou no chão apertava o pescoço correndo desvairado pelo corredor, os policiais especiais mascarados quebram como porretes e cacetetes o Teatro Popular Maria Zélia e tudo o que encontram pela frente, também gente (SALES, 2007, p. 29-30).

De volta ao Presídio do Paraíso, transferência que decorreu por “incompatibilidade de gênios entre eu e um funcionário lá do ‘Maria Zélia’” (PE/CA 0468), ressentindo-se da falta do contato entusiasmado com os companheiros verdadeiramente ativistas de movimentos operários e anarquistas, que praticara no Maria Zélia, Paulo Emilio descreve a nova rotina de um presídio menos populoso. Quer safar-se das “dores morais”:

Minha vida aqui vai se regularizando pouco a pouco. De manhã, depois do café, leio os jornais, passeio pelo jardim onde apanho flores (!), depois leio e estudo um pouco de Filosofia. Depois do almoço ando um pouco, leio mais um bocado e durmo um pouco até a hora do “lanche”. Depois do lanche dou uma volta pelo terraço. Em seguida faço ginástica e troco de roupa (estava de uniforme e fico de pijama). Leio até a hora do jantar. Depois do jantar eu ando. Lá pelas oito horas jogo poquer com um médico, um professor e um príncipe...Leio mais um pouco e vou dormir. Como Você vê, não é de todo inútil a minha vida por aqui. (PE/CA 0125, carta à mãe, s/d)

O cotidiano no Presídio Paraíso, muito diverso daquele vivido nos meses anteriores no Maria Zélia, abre espaço para outras conversas entre os companheiros. As ordens dadas à mãe, sua correspondente mais assídua e que também aparece como interlocutora das muitas leituras feitas (PE/CA 0069), vão sendo percebidas pelo filho, acima de tudo, como um fluxo de afeto e confiança, reafirmado na bela carta em que narra as lembranças das mães narradas pelos companheiros de presídio. Confessa que, na ocasião, não mencionara a sua própria mãe na conversa com os companheiros, mas tenta, de próprio punho, fazer-lhe uma espécie de desagravo:

Há dias eu e meus companheiros de prisão estivemos conversando sobre nossas mães. Um deles está preso há 9 meses já. Dez meses depois de preso recebeu um telegrama anunciando a morte da mulher. Daí a quinze dias um funcionário depois de chamá-lo pelo nome, deu-lhe a seguinte recado textualmente:

--- Vieram avisar que sua mãe morreu --- e deu as costas. Esse rapaz que teve uma vida de lutas e sofrimentos incríveis contou-me que nos momentos de maiores desesperos e abandono, tinha sempre de seu lado a sua mãe que sempre o consolava e animava, algumas vezes contra toda a sociedade em que vivia e, mesmo contra o resto da família...

Um outro, um nortista recebera há dias a notícia que sua velha, paralítica e cega, estava muito mal e que falava a

todo momento no filho preso Ele escreveu para a família e espera a todo momento carta noticiando a morte da mãe.

Muitos outros se referiram às suas mães. Eu não disse nada. Mas o tempo todo me lembro de você, de seu grande amor e de sua comovente solidariedade nesse pequeno período de adversidades na minha mocidade feliz... E pensei nisso muitos dias e resolvi lhe mandar dizer, certo de que isso lhe fará feliz...PE/CA 0063,17 agosto 936)

A reverberação das experiências no presídio vai ser sistematizada não nas breves cartas à mãe, mas em carta confidencial, “não só no terreno político, mas também no pessoal” ao amigo Décio de Almeida Prado, enviada por meio de portador anônimo, portanto sem o carimbo oficial da censura do presídio. No texto, escrito à máquina, relata as novas diretrizes a serem seguidas pela juventude militante, não sem antes admitir que a ação partidária anterior à prisão (1935) era errada. O cotidiano de Paulo Emílio na prisão comporta, portanto, forte componente de reflexão sobre o futuro da militância política. No texto afirma a sua perspectiva segundo a qual se devia investir na juventude. Faz uma análise compreensiva dos jovens que “atiraram-se sinceramente, ardentemente, no integralismo, que como todo movimento fascista se apresentou, principalmente no começo, com uns ares demagógicos de revolução”. A proposta que pretende encaminhar, depois do fim do estado de guerra, sob a forma de um anteprojeto de manifesto-programa, dirige-se para uma “Juventude Democrática Brasileira”. Mostra ter um amplo conhecimento de movimentos revolucionários recentes na Europa e ideias sobre a formação política dos jovens, que incluem também uma estrutura de organização do movimento em cada estado brasileiro. Reafirma que a grande luta contra o integralismo, “que está crescendo dia a dia, vai ser um dos pontos em que precisaremos nos lançar com mais entusiasmo, maior força e maior coragem” (PE/CA s/n, 01 de outubro de 1936).

É também nesta longa carta que Paulo Emílio se abre com evidente sinceridade, sobre assuntos como a experiência fundamental da prisão, as incertezas quanto ao futuro, tanto do ponto de vista do desejo de seguir regularmente um curso universitário, quanto do desdobramento do processo e da condenação, que nunca aconteceu. Com boa dose de humor, revela ao amigo o desejo de casar, ou melhor de sair em busca de uma “garota em condições”, cujo perfil não encontra em Nise, muito menos em Pagu. A carta do acervo tem algumas

frases sublinhadas em traço azul. Essa intervenção no manuscrito pode indicar que o amigo Decio leu todo o texto com atenção e talvez lhe tenha respondido em presença, na visita das quintas-feiras. Pode indicar, no entanto, uma espécie de gesto de reafirmação de compromissos que a juventude pretende seguir, através de sua poderosa imaginação política lançada aos tempos futuros.

Algum tempo depois de sair da prisão Paulo Emilio parte para Paris, cidade na qual se apaixona por cinema e a que retorna logo após o fim da guerra, já decidido a escrever sobre o cineasta Jean Vigo. Em estudo sobre Vigo, publicado em 1957 pela prestigiosa Editions du Seuil, Paulo Emílio, que na época era Diretor da Cinemateca, em São Paulo, faz extensa pesquisa sobre a vida e projetos de filmagem do artista francês, além de compor alentado volume da biografia do pai de Vigo, Miguel Almereyda, anarquista, que se dedicou à política, nos primeiros anos do século XX, militando em semanários como **La Guerre Sociale**, no qual procurava, através de campanhas, reconciliar todos os revolucionários, e como **Le Bonnet Rouge**, um jornal crítico-satírico. Num contexto da Primeira Guerra, Almereyda se vê envolvido em denúncias de uso indevido de fundos desse jornal e em disputas políticas. Com saúde frágil, é enforcado na prisão de Petite Roquette, deixando uma breve vida em que se tornara, segundo relata um antigo amigo citado por Paulo Emílio, “o mais corajoso de todos os militantes; era um companheiro confiável e um polemista de grande influência” (GOMES, 2009, p. 43). O filho órfão de Almereyda, Jean Vigo é acompanhado através de toda a infância por Paulo Emílio, até ter início a sua iniciação no cinema e, depois através de suas principais criações, como **Zéro de Conduite**.

No capítulo dedicado ao clássico de Vigo, produzido pela Gaumont, Paulo Emílio cruza o roteiro do filme e as cenas de infância do cineasta, reconstituindo minuciosamente as filmagens, as opções feitas na montagem e a carreira do trabalho de Vigo em toda a Europa. O mais longo relato refere-se às filmagens das cenas do dormitório do internato, sendo a mais famosa aquela em que os alunos fazem uma guerra de travesseiros, realizada por Vigo em precárias condições de saúde devido a uma pneumonia.

O filme sofreu medida de interdição logo após seu lançamento na França, fato que Paulo Emílio procura entender, de início, a partir de um bilhete remetido a Vigo por um amigo que, entusiasmado, afirma: “É preciso, naturalmente, que o colégio

seja virado pelo avesso, plantar bem alto a bandeira da revolta para que as pessoas inteligentes a enxerguem...” (GOMES, 2009, p. 199. Ao mesmo tempo, Damase lamenta a possibilidade de o filme não ser compreendido: “Temo que esta linda ideia não seja compreendida, ou que assuste esta seita de covardes” (Ibidem, p. 199).

Como pesquisador cauteloso, Paulo Emílio não arrisca comentar o contexto de recepção do filme nos anos 1930, afirmando que “Tamanha intensidade e tamanha fé nas qualidades de **Zéro de Conduite** enquanto instrumento de agitação política podem surpreender os espectadores dos anos de 1950, sensíveis principalmente às virtudes mais permanentes do filme”. No entanto, não descarta a “reação similar, embora oposta à de Damase e, portanto, desfavorável à difusão do filme, considerado um perigo para a ordem” (Ibidem: 200). Prefere, em sentido diferente da percepção do potencial subversivo do filme, trazer ao episódio da censura em 1933 a hipótese de outro crítico: o temor à herança do pai Almereyda que poderia ter tornado também Vigo um comunista perigoso (Ibidem, p. 200).

Livre da censura e, depois, da amputação de 300 m na película, impostas no início de sua exibição nos anos 1930, o filme reaparece na Exposição Levantes, com curadoria de Georges Didi-Huberman, em várias cidades pelo mundo entre as quais em São Paulo, em 2017, além de merecer um breve capítulo de um dos últimos livros do historiador francês. Analisando o roteiro, as cenas da revolta dos travesseiros, da proclamação contra as punições escolares e da tomada do telhado em **Zéro de Conduite**, Didi-Huberman chama a atenção para “a imagem inesquecível – tão plena de porvir – desta revolta estudantil saturada de forros de edredons. Alegria com lentidão, ligeireza com profundidade” e, depois conclui: “tudo aqui contém a marca do levante: gestual, verbal, psíquico e atmosférico” (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 23-24).

Na correspondência de Paulo Emílio não há narrativas de levantes na prisão, tampouco há “tentação da **inércia**”, como aquela vivida por Graciliano Ramos no cárcere da Ilha Grande e tão bem descrita por Silvano Santiago (SANTIAGO, 2020, p. 23). A rotina do jovem paulistano se nutre de alimento compartilhado, de leituras intensas, de trabalho de ensinar e aprender línguas com camaradas de outras nacionalidades, de um projeto teatral libertário interrompido e de expectativas pelo que lhe caberá como julgamento ou punição – tribunais especiais, colônias agrícolas – ao mesmo tempo em que percebe de longe os **acontecimentos da Hespanha**.

No entanto, ao final da carta enviada a Décio de Almeida Prado, retorna à experiência da prisão e confidencia:

Eu pessoalmente vou bem. Essa cadeia está me dando uma experiência política realmente notável. Você não pode imaginar Decio, a quantidade de ilusões que perdi, os erros que enxerguei e as cousas que aprendi durante esses nove meses de prisão. E aqui se firmaram certas tendências da minha personalidade que até então estavam incertas como por exemplo a minha decidida vocação para a política e meu irremediável fracasso em relação à existência normal... PE/CA 0470)

Tamanha lucidez se compraz na prática da solidariedade e no convívio entre classes sociais, de modo a alterar o engajamento de esquerda do rapaz de família burguesa. O pesquisador Adilson Inácio Mendes, no prefácio do livro Jean Vigo, observa que a obra escrita por Paulo Emilio Sales Gomes entre 1946 e 1954, revela os processos de amadurecimento do escritor e intelectual antes da prisão:

(...) Num esforço dos problemas sociais, o jovem começa a estudar furiosamente os manuais da ortodoxia e, sempre que possível, se posiciona em público. Sua desenvoltura e elegância o destacam como polemista, mas também despertam a desconfiança dos comunistas, intrigados com sua origem social. O empenho político deu uma forma social ao inconformismo. Seus textos da época revelam uma vontade criativa aliada ao antifascismo, manifestado no ataque recorrente ao integralismo” (GOMES, 2007, p. 240).

Segundo Mendes, que estuda a formação e a atuação de Paulo Emílio¹⁰, a longa estadia em presídios políticos improvisados fez com que se confrontasse a radicalidade da pequena burguesia¹¹, com a militância operária anarquista e surgisse a percepção do engajamento como fraternidade humana (Ibidem).

Na maturidade, a dedicação a projetos de longo prazo como a crítica em jornais, a docência e a direção da Cinemateca Brasileira revelam que a opção do intelectual Paulo Emílio pela política foi na direção do gesto crítico praticado no

¹⁰ Verificar **Escrever cinema**. A crítica cinematográfica de Paulo Emílio Sales Gomes. 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp036216.pdf>. Acesso em 10/03/2019.

¹¹ Foto de 1933, publicada no Apêndice da edição de **Cemitérios**, mostra a rapaziada (Decio de Almeida Prado, Paulo Afonso Mesquita Sampaio, F. Coaracy e Paulo Emilio) à mesa, bem trajados, tomando Malzibier. Foto de 1937, publicada na abertura de Vigo, vulgo Almercyda, registra o moço no alto da catedral Notre-Dame, em sua primeira estada em Paris, depois do período de prisão. Bem trajado e livre.

estudo e na apreciação do cinema, em busca da revolta em estado puro tal como pode se constituir na criação artística.

YOUTH IN REVOLT: PAULO EMÍLIO SALES GOMES WRITES FROM PRISON

ABSTRACT

The text analyzes letters written between December 1935 and February 1937 by the then young Paulo Emílio Salles Gomes, before becoming the recognized Brazilian professor and intellectual, from the Paraíso and Maria Zélia prisons, in the capital of São Paulo, which housed political repression prisoners of the Vargas government in the context of the 1935 Communist Revolt. Part of the author's correspondence, kept in the Archives that bears his name at the Cinemateca Brasileira, the letters sent from prison went through institutional censorship and were sent to his mother, other family members and his friend Decio de Almeida Prado. We describe, through the reading of some selected letters, a poetics of controlled writing, which is structured in the practice of assembling things and different times. Combining imposing orders for meals and books, feelings of immediacy and forward thinking are registered. The experiences of collective action in the extended present of the prison are also narrated, such as the Teatro Maria Zélia, for which the young man writes and stages *Destinos*, alongside the effort of training intelligence for both new study exercises, as the one that he will do about the French filmmaker Jean Vigo, as well as the practice of criticism and politics, in the future.

Keywords: Paulo Emilio Salles Gomes. Correspondence. Controlled Writing.

Temporal Montages. Theatre. Politics

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmera clara**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

CALIL, Carlos Augusto. O caderno de Paulo Emílio. In: GOMES, Paulo Emílio Sales Gomes. **Cemitério**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

CALDERON, Guillermo. **Escuela**. Trad. Assis Benevenuto e Sara Rojo. Belo Horizonte: Editora Javali, 2018.

DULLES, John F. Trad. Cesae Parreira Horta. **Anarquistas e Comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

GOMES, Paulo Emílio. **Cemitério**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

_____. **Jean Vigo**. São Paulo: Cosac Naif; Edições SESC São Paulo, 2009.

_____. **Vigo**. São Paulo: Cosac Naif; Edições SESC São Paulo, 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Désirer Désobeir**. Ce qui nous soulève, 1. Paris: Les Éditions de Minuit, 2018.

_____. **Levantes**. Trad. de Edgar Assis Carvalho et alii. São Paulo: Edições SESC SP, 2017.

MARTINS, Ferdinando. **Mateluma** - uma tragédia documentário. In: ABREU, Kil; ROMAGNOLLI, Luciana. **Cartografias MIT-sp 04/2017**. Disponível em: <https://mitsp.org/2017/publicacoes-mitsp/>. Acesso em 15/03/2021.

PELBART, Peter Pál. **Carta aberta aos secundaristas**. São Paulo: N-1, 2015.

PRADO, Décio de Almeida. Paulo Emílio na prisão. In: GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cemitérios**. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **Fisiologia da composição**. Recife: Cepe, 2020.

WERNECK, Maria Helena. O teatro profissional dos anos 1920 a 1950. Dramaturgia. In: FARIA, João Roberto. (Direção). **História do Teatro Brasileiro**. Vol. 1. São Paulo: Perspectiva; Edições SESC SP, 2012.

_____. Temporalidades complexas na cena do grupo XIX de Teatro. In: CORNAGO, Óscar et alii. **O teatro como experiência pública**. São Paulo: HUCITEC, 2019.